

W.G. Sebald

História Natural da Destruição

Guerra Aérea e Literatura

Tradução de Telma Costa



QUETZAL serpente emplumada | W.G. Sebald

Prefácio



AS LIÇÕES SOBRE O TEMA GUERRA AÉREA e literatura reunidas neste volume não surgem com a mesma forma com que foram proferidas em Zurique no fim do outono de 1997. A primeira das lições inspirou-se na descrição de Carl Seelig de um voo que efetuou com Robert Walser, então hospitalizado, no verão de 1943, precisamente no dia em cuja noite a cidade de Hamburgo ardeu totalmente. As reminiscências de Seelig, que em nenhuma ocasião aludem a esta coincidência, mostraram-me a perspectiva a dar à minha própria visão dos terríveis acontecimentos desses anos. Nascido numa aldeia dos Alpes do Allgäu em maio de 1944, pertenço ao número daqueles que quase não foram atingidos pela catástrofe que então se desenrolou no império alemão. Procurei demonstrar em Zurique, através de passagens algo extensas dos meus próprios trabalhos literários e na medida em que tal se justificasse, pois aquelas foram sobre poética, que, apesar de tudo, esta catástrofe deixou na minha memória as suas marcas. Na versão aqui apresentada, porém, extensas autocitações seriam impróprias. Por isso utilizei apenas partes da minha primeira lição num posfácio, de que constam também as reações às lições de Zurique

e a correspondência que recebi a seguir. Muitas delas tinham um carácter algo bizarro. Contudo, nas cartas e outros textos canhestros e forçados que me chegaram a casa, lia-se que nos últimos anos da guerra a experiência de uma humilhação nacional sem precedentes sentida por milhões de pessoas nunca encontrara verdadeira expressão verbal e que os que a sofreram diretamente nem a partilharam uns com os outros nem a transmitiram aos que nasceram depois. Uma queixa recorrente é a ausência, até hoje, da grande epopeia alemã da guerra e do pós-guerra, e tem que ver com esta falha (em certos aspetos perfeitamente compreensível), dada a força com que a absoluta contingência emana das nossas cabeças amantes da ordem. Apesar dos denodados esforços para vencer o passado, quer-me parecer que os alemães são hoje um povo nitidamente cego para a História e falho de tradição. Não conhecemos o interesse apaixonado pela maneira de viver anterior e pelas especificidades da nossa civilização do modo que é patente, por exemplo, na cultura da Grã-Bretanha em geral. E quando olhamos para trás, em particular para os anos de 1930 a 1950, é sempre com um olhar que ao mesmo tempo se foca e se desvia. As produções dos autores alemães do pós-guerra são por isso marcadas por uma meia consciência ou falsa consciência destinada a consolidar a posição extremamente precária dos escritores numa sociedade que, moralmente, está de todo desacreditada. Para a esmagadora maioria dos escritores que ficaram na Alemanha durante o Terceiro Reich foi mais urgente, depois de 1945, a redefinição de uma ideia de si próprios do que a descrição das verdadeiras circunstâncias que os rodeavam. Exemplo das consequências nefastas que daí resultaram para a prática literária é o caso de Alfred Anderschs. Por isso se reproduz aqui, em

apêndice às lições sobre guerra aérea e literatura, o artigo dedicado a este escritor que publiquei há alguns anos na *Lettre*. Trouxe-me, na ocasião, várias reprimendas severas de pessoas que não queriam aceitar que, à medida que se ia instalando o poder aparentemente imparável do regime fascista, a postura fundiariamente oposicionista e a inteligência desperta que Andersch sem dúvida demonstrara facilmente se foram transformando numa tentativa mais ou menos consciente de acomodação e que por isso, mais tarde, Andersch, enquanto figura pública, se viu na necessidade de ajustar a sua biografia mediante discretas omissões e outras correções. Esta preocupação em retocar *a posteriori* a imagem que queriam dar de si é, a meu ver, uma das principais razões da incapacidade revelada por toda uma geração de autores alemães para contar e trazer ao nosso conhecimento o que viram.

Guerra Aérea e Literatura

Lições de Zurique

I

«O truque da eliminação é o reflexo
defensivo de todos os peritos.»

Stanislav Lem
Dimensão Imaginária

É HOJE DIFÍCIL FORMAR UMA IDEIA sequer aproximada do volume da devastação que atingiu as cidades alemãs nos últimos anos da Segunda Guerra Mundial e mais difícil ainda pensar o horror ligado a essa devastação. É certo que as *Strategic Bombing Surveys* dos aliados, os registos do Gabinete Federal de Estatística e outras fontes oficiais mostram que, só a Royal Air Force, lançou, em 400 mil voos, um milhão de toneladas de bombas sobre o território inimigo, que das 131 cidades atacadas, algumas uma só vez, outras repetidamente, muitas foram quase totalmente arrasadas, que 600 mil civis alemães caíram vítimas da guerra aérea, que três milhões e meio de habitações foram destruídas, que no fim da guerra havia sete milhões e meio de desalojados, que se contaram em Colónia, por cada habitante, 31,4 metros cúbicos de escombros, em Dresden 42,8 metros cúbicos, mas nós não sabemos o verdadeiro significado de tudo isso¹. Esta ação destruidora sem precedentes na história anterior, que

¹ Cf. H. Glaser, *1945 – Ein Lesebuch*, Frankfurt, 1995, pp. 18ss, e também Sir Charles Webster e Noblen Frankland, *The Strategic Air Offensive Against Germany*, Her Majesty's Stationary Office 1954-1956, em particular Vol. IV, que colige apêndices, estatísticas e documentos.



entrou para os anais da nação em vias de se reconstituir apenas sob a forma de vagas generalizações, sem que pareça ter ficado um rasto de dor na consciência coletiva, foi largamente excluída da visão retrospectiva das pessoas atingidas e nunca desempenhou um papel digno de nota nas discussões havidas em torno da Constituição interna do nosso país; tampouco, como posteriormente constatou Alexander Kluge, teve um código de leitura pública¹ – um completo paradoxo, se pensarmos no número de pessoas expostas, dia após dia, mês após mês, ano após ano, a esta campanha e no período de tempo, todo o pós-guerra, que durou o confronto com consequências reais capazes de sufocar (outra coisa não seria de esperar) todo o sentir positivo da vida. Apesar da energia simplesmente inacreditável com que, a seguir

¹ Cf. *Geschichte und Eigensinn*, Frankfurt, 1981, p. 97.



a cada ataque, eram repostas as condições gerais para se poder viver, em cidades como Pforzheim, que perdeu cerca de um terço dos seus 60 mil habitantes num único ataque na noite de 23 de fevereiro de 1945, restavam, mesmo depois de 1950, cruzes de madeira espetadas nos montes de escombros e, sem dúvida, os cheiros terríveis, como referiu Janet Flanner em março de 1947, emanados das caves hiantes de Varsóvia com o primeiro tempo morno da primavera¹, que impregnaram também as cidades alemãs nos tempos imediatamente a seguir à guerra. Mas claro que estas coisas não se embrenharam nos sentidos dos sobreviventes que permaneceram no lugar da catástrofe. As pessoas andavam «no meio da rua entre as ruínas medonhas», lê-se num apontamento de Alfred Döblin datado do final de 1945,

¹ Enzensberger, *Europe in Trümmern*, Frankfurt, 1990, p. 240.



aquando do seu regresso ao Sudoeste alemão, «como se nada tivesse acontecido e [...] a cidade sempre tivesse tido aquele aspeto¹». O reverso desta apatia era a vontade de começar de novo, o incontestável heroísmo com que imediatamente deitaram mãos às tarefas de reorganização e limpeza. Num folheto dedicado à cidade, *Worms 1945-1955*, lê-se: «O momento exige homens retos com postura e objetivos sãos. Futuramente, quase todos vão estar durante muito tempo na frente avançada da reconstrução.²» Inseridas no texto redigido por um tal Willi Ruppert ao serviço das autoridades municipais, encontram-se inúmeras fotografias, entre as quais as duas imagens da Kämmererstrasse aqui reproduzidas. Dir-se-ia que esta destruição total não foi o fim horrendo de uma aberração coletiva, mas, por assim dizer,

¹ *Ibid.*, p. 188.

² Willi Ruppert, ... *und Worms lebt dennoch*, Wormser Verlagsdruckerei, s.d.



a primeira fase de uma reconstrução de sucesso. Reportando-se a uma conversa com os diretores do IG-Farben em Frankfurt,

em abril de 1945, Robert Thomas Pell dá conta do seu espanto ao ouvir alemães afirmarem a sua intenção de reconstruir o país «maior e mais forte do que nunca foi no passado¹», com uma curiosa mistura de autocomiseração, justificação servil, inocência ofendida e obstinação – intenção essa em que nunca recuaram depois, como facilmente se vê pelos postais ilustrados que quem hoje viaja pela Alemanha pode adquirir nos quiosques de Frankfurt e enviar da metrópole do Meno para o mundo inteiro. A já lendária e, de certo modo, verdadeiramente admirável reconstrução alemã após a devastação praticada pelo inimigo de guerra, uma espécie de segunda liquidação, em fases sucessivas, da sua própria História passada, impede de olhar para trás, quanto mais não seja pelo trabalho desenvolvido e pela criação de uma nova realidade sem rosto que orienta a população para o futuro e lhe impõe silêncio sobre o passado. Tão poucos e esparsos são os testemunhos alemães desse tempo sobre o qual ainda não passou uma geração que, na coletânea de reportagens que Hans Magnus Enzensberger publicou em 1990 com o título *Europa in Trümmern* [Europa em Ruínas], apenas há artigos de jornalistas e escritores estrangeiros, trabalhos até então completamente ignorados na Alemanha. Os poucos relatos feitos em língua alemã vêm de antigos exilados ou de individualidades de fora, como Max Frisch. Os que ficaram na Alemanha e que, como por exemplo Walter von Molo e Frank Thiess na lamentável controvérsia contra Thomas Mann, gostavam de dizer que, enquanto outros foram ocupar lugares confortáveis na América, eles não abandonaram a pátria no seu momento difícil, abstinham-se de comentar o decurso e o desfecho da

¹ Enzensberger, *op. cit.*, p. 110.

destruição, e talvez houvesse nisso um certo receio de que pintar um quadro demasiado próximo da realidade levasse as forças de ocupação a desconfiar deles. Contra a opinião geral, esta falta de relatos contemporâneos não encontrou compensação depois de 1947 e do esforço consciente de renovação da literatura do pós-guerra, da qual seria de esperar alguma elucidação sobre o verdadeiro estado das coisas. Enquanto a velha guarda dos chamados «emigrantes internos» afirmava ter estado envolvida na resistência passiva e dava de si uma nova visão, como observa Enzensberger, invocando ideias de liberdade e a herança humanista estrangeira em intermináveis abstrações ociosas¹, a geração mais nova, de autores acabados de regressar, estava tão embrenhada numa vivência própria da guerra, em cuja descrição, aliás, se deixava puxar sempre para o sentimentalismo e a lamúria, que parecia não ter olhos para o horror evidente e omnipresente desse tempo. Mesmo a muito citada «literatura das ruínas», cujo sentido das realidades tinha no programa a objetividade, vocacionada, como salientou Heinrich Böll, sobretudo para «o que [...] encontrámos no regresso a casa²», revela-se, a um exame mais atento, um instrumento já sintonizado pela amnésia individual e coletiva, provavelmente condicionado por processos pré-conscientes de autocensura a velar um mundo que já não cabe em nenhum conceito. Uma espécie de tácito acordo vinculativo para toda a gente determinou que era impossível descrever o verdadeiro estado de aniquilamento material e moral em que se encontrava todo o país. No sentir da esmagadora maioria da população alemã, os aspetos mais negros

¹ *Ibid.*, p. 11.

² *Hierzulande*, Munique, 1963, p. 128.

do último ato da destruição tornaram-se uma espécie de tabu, como um segredo de família vergonhoso pelo qual as pessoas nem no seu foro privado podiam responder. De todas as obras literárias criadas até ao fim dos anos 40, talvez somente *Der Engel schwieg*¹ de Heinrich Böll proporcione uma imagem aproximada da profundidade do abismo que então ameaçava quem verdadeiramente olhasse as ruínas em redor. Da sua leitura ressalta desde logo que precisamente esta história, que parece marcada por uma irremediável melancolia, estava para além do que o público leitor da época podia suportar, como bem viram a editora e também o próprio Böll, pelo que só foi publicada em 1992, quase 50 anos mais tarde. Na verdade, o capítulo 17, que relata o combate com a morte de Frau Gompertz, é de um tão radical agnosticismo que mesmo hoje não é de ânimo leve que podemos abordá-lo. O sangue negro, viscosamente coagulado, que jorra nestas páginas em espasmódicos borbotões, sai da boca da moribunda e se derrama sobre o seu peito, mancha o lençol, vem da beira da cama fustigar o chão para aí formar uma poça que rapidamente alastra, este sangue retinto e, como Böll expressamente acentua, muito negro é símbolo da *acedia cordis*, essa depressão lívida, já sem remédio, que joga contra a vontade de sobreviver, em que os alemães confrontados com tal fim tinham necessariamente de cair. Além de Heinrich Böll, apenas alguns poucos autores, como Hermann Kasack, Hans Erich Nossack, Arno Schmidt e Peter de Mendelssohn estiveram à altura de romper o tabu que pairava sobre a destruição externa e interna, mas, como iremos demonstrar, em geral de

¹ Colónia, 1992. [Ed. portuguesa: *O Anjo Mudo*, ASA, 1992.]

um modo assaz discutível. E anos mais tarde, quando os historiadores começaram a documentar a queda das cidades alemãs para a história da guerra e para a história nacional, isso em nada alterou o facto de as imagens deste capítulo medonho da nossa História nunca terem transposto o limiar da consciência nacional. Por regra, essas compilações, publicadas por editoras mais ou menos obscuras – por exemplo, *Feuersturm über Hamburg* [Tempestade de Fogo sobre Hamburgo], de Hans Brunswick, foi publicado em 1978 pela editora do Anuário Automóvel de Hamburgo –, curiosamente como que afastadas do seu objeto de pesquisa, serviam acima de tudo para sanear ou remover um conhecimento incompatível com a normal compreensão das coisas sem procurarem um entendimento claro da espantosa capacidade de autoanestesia do ser coletivo que parecia ter saído da guerra de extermínio sem males psíquicos dignos de nota. A quase total ausência de perturbação interna na vida íntima da nação alemã permite concluir que a nova sociedade federal renegou a experiência adquirida na sua História anterior segundo um mecanismo perfeito de recalçamento que lhe permitiu aceitar a sua emergência da degradação absoluta como verdade factual, mas ao mesmo tempo desligar-se por completo do seu acervo de emoções, quando não averbar mais uma página gloriosa por ter superado tudo com êxito e sem sinais de fraqueza. Enzensberger refere a este propósito que «a misteriosa energia dos alemães» não se compreende «se nos recusarmos a aceitar a ideia de que eles elevaram os seus defeitos a virtudes. A inconsciência», acrescenta, «foi a condição do seu sucesso»¹. Entre os pressupostos do milagre económico alemão

¹ Enzensberger, *op. cit.*, pp. 20-21.

contam-se não só as enormes somas do investimento ao abrigo do Plano Marshall, o eclodir da Guerra Fria e o desmantelamento dos complexos industriais antiquados executado com uma eficiência selvagem pelas esquadrilhas de bombardeiros, mas também outras coisas: uma ética laboral incontestada aprendida na sociedade totalitária, a capacidade de improvisação logística de uma economia ameaçada por todos os lados, a experiência no emprego da chamada mão de obra estrangeira e o derradeiro desfecho, que muito poucos lamentaram, da pesada questão histórica que se consumiu em chamas entre 1942 e 1945 juntamente com os prédios centenários de habitação e comércio em Nuremberga e Colónia, em Frankfurt, Aachen, Braunschweig e Würzburg. Na génese do milagre económico estiveram estes fatores mais ou menos identificáveis. Porém, o catalisador foi uma dimensão puramente imaterial: uma torrente de energia psíquica que ainda hoje não secou e cuja nascente se encontra no segredo bem guardado dos cadáveres em que assentam as fundações do nosso Estado, um segredo que manteve os alemães unidos a seguir à guerra e ainda hoje assim os mantém, mais estreitamente do que qualquer objetivo positivo, no sentido da realização da democracia, jamais logrou alcançar. Talvez seja oportuno não esquecer esse contexto, agora que o projeto da criação da grande Europa, que já falhou duas vezes, entrou numa nova fase e que a esfera de influência do Deutschmark – a História tem maneiras de se repetir – parece alargar-se precisamente até aos limites do território ocupado pela Wehrmacht no ano de 1941.

A questão de saber se e como justificar estratégica e moralmente o plano para os bombardeamentos, apoiado por grupos no seio da Royal Air Force e desencadeado a partir de fevereiro

de 1942 com a utilização de efetivos jamais vistos em pessoal e material bélico, nunca foi, tanto quanto sei, objeto de debate aberto na Alemanha depois de 1945, sobretudo, sem dúvida, porque um povo que tinha matado ou enviado para a morte nos seus campos milhões de pessoas dificilmente poderia exigir às potências vitoriosas que explicassem a lógica política e militar que ditara a destruição das cidades alemãs. Também não é de excluir que muitos dos que sofreram os ataques aéreos, como indicam, por exemplo, as fontes referidas por Hans Erich Nossack no seu relato da destruição de Hamburgo, apesar da sua fúria impotente mas encarniçada contra esta óbvia loucura, encarassem a tempestade de fogo como um justo castigo ou mesmo um ato de retaliação de um poder mais alto que não podiam contestar. Com exceção das reportagens da imprensa nacional-socialista e do serviço de radiodifusão do Reich, que usavam sempre o mesmo tom, falando de sádicos ataques terroristas e de bárbaros bandidos do ar, os protestos contra a longa campanha destruidora desencadeada pelos aliados devem ter sido raros e esporádicos. Foi com mudo fascínio, segundo diversos relatos, que os alemães enfrentaram a catástrofe em curso. «Não era a altura», escreveu Nossack, «de fazer miúdas distinções, como entre amigo e inimigo»¹. Em contraste com a reação largamente passiva dos alemães ao derrube das suas cidades, que eles sentiram como uma fatalidade inevitável, na Grã-Bretanha o programa de destruição foi desde o princípio discutido a fundo. Não apenas Lorde Salisbury e George Bell, bispo de Chichester, afirmaram repetidamente e com insistência, na Câmara dos Lordes e em público, que a estratégia de

¹ «Der Untergang», em *Interview mit dem Tode*, Frankfurt, 1972, p. 209.

ataque em primeira linha contra populações civis não é defensável, nem moralmente nem pelas leis da guerra, como o aparelho militar responsável se encontrava dividido nas suas posições quanto a esta nova maneira de fazer a guerra. A permanente ambivalência na avaliação da guerra de extermínio acentuou-se ainda mais após a capitulação incondicional. Quando os relatos e imagens dos efeitos dos bombardeamentos de superfície começam a aparecer em Inglaterra, desperta a repugnância perante o que era infligido, por assim dizer, às cegas. «*In the safety of peace*», escreve Max Hastings, «*the bomber's part in the war was one that many politicians and civilians would prefer to forget*¹» [Na segurança da paz, o papel dos bombardeamentos na guerra é algo que muitos políticos e civis prefeririam esquecer]. A retrospectiva histórica também não trouxe uma clarificação do dilema ético. A literatura de memórias veiculava novos conflitos entre fações e o veredito dos historiadores que tentavam manter um equilíbrio realista oscilava entre admirar a organização de tão brutal empresa e criticar a vacuidade e a abjeção destas ações levadas a cabo sem mercê e, já para o fim, contra todo o bom senso. A origem da estratégia chamada *area bombing* reside na posição extremamente marginal em que se encontrava a Grã-Bretanha em 1941. A Alemanha estava no auge do seu poder, o seu exército tinha conquistado todo o continente, alimentava a ideia de avançar sobre a África e a Ásia, e os britânicos, privados da possibilidade real de intervenção, viram-se simplesmente entregues ao seu destino insular. Ante esta perspectiva, Churchill escreveu a Lorde Beaverbrook afirmando que só havia uma maneira de obrigar Hitler a recuar

¹ Londres, 1979, p. 346.

no confronto «*and that is an absolutely devastating exterminating attack by very heavy bombers from this country upon Nazi homeland*¹» [que é um ataque de extermínio absolutamente devastador com bombardeiros de muito grande capacidade deste país sobre a pátria nazi]. Nessa altura, estavam longe de se encontrar reunidos os pressupostos para uma operação desta natureza. Faltavam a base de produção, os aeródromos, os programas de formação para as tripulações dos bombardeiros, material explosivo eficaz, bem como um novo sistema de navegação, e não havia qualquer espécie de experiência aproveitável. Até que ponto a situação era desesperada, revelam-no os bizarros planos que começaram a ser postos em prática a sério no início dos anos 40. Por exemplo, apareceu um plano que pretendia lançar estacas de ferro sobre os campos para impedir as ceifas e um glaciologista no exílio, Max Perutz, realizou experiências para o Projeto Habbakuk, que consistia em produzir um transportador aéreo gigantesco e impossível de abater feito de uma espécie de gelo reforçado artificialmente chamado *pykrete*. Não menos fantásticas foram as tentativas, nessa mesma altura, de construir uma rede defensiva de raios invisíveis, ou os complexos cálculos feitos na Universidade de Birmingham por Rudolph Peierls e Otto Frisch, que viriam a trazer a construção da bomba atômica para o domínio do possível. Perante este panorama de ideias que raiava a implausibilidade, não é de admirar que a estratégia de *area bombing*, muito mais fácil de entender, acabasse por avançar, sancionada pela decisão governamental de fevereiro de 1942 «*to destroy the morale*

¹ Cit. segundo Charles Messenger, «*Bomber*» *Harris and the Strategic Bombing Offensive 1939-1945*, Londres, 1984, p. 39.

*of the enemy civilian population and, in particular, of the industrial workers*¹» [destruir o moral da população civil do inimigo e em especial dos operários industriais], apesar de, dada a reduzida precisão com que eram atingidos os alvos, permitir que se desenhasse uma espécie de frente móvel a toda a largura e comprimento do território inimigo. Esta diretriz não resultou, ao contrário do que se costuma dizer, de um desejo de pôr rapidamente termo à guerra mediante o recurso maciço aos bombardeamentos; foi antes, e principalmente, a única possibilidade de intervenção. A crítica que mais tarde viria a ser feita à brutal utilização deste programa de destruição (também do ponto de vista das baixas aliadas) dirigia-se sobretudo ao facto de ele ter sido mantido quando já era possível realizar ataques aéreos seletivos e com outra precisão, por exemplo, a fábricas de rolagens, instalações petrolíferas e depósitos de combustível, nós rodoviários e artérias vitais que a breve prazo, como nota Albert Speer nas suas memórias², teriam podido paralisar todo o sistema de produção. Na crítica à ofensiva dos bombardeamentos é também referido que ainda na primavera de 1944 era visível que, apesar dos incessantes ataques aéreos, o moral do povo alemão se mantinha nitidamente intacto, a produção industrial registava danos quando muito marginais e o fim da guerra não estava mais perto um dia sequer. A meu ver, porém, os objetivos estratégicos da ofensiva não foram modificados e as tripulações dos bombardeiros, em muitos casos de rapazes acabados de sair da escola, continuaram a ser expostas à roleta-russa que custou a vida a 60 por cento deles por razões

¹ Webster e Frankland, Vol. IV, p. 144.

² Berlim, 1969, pp. 359ss.

a que a História oficial deu pouca atenção. Por um lado, um empreendimento com as dimensões materiais e organizativas da ofensiva dos bombardeamentos, que A.J.P. Taylor calculou ter absorvido um terço de toda a produção britânica de material de guerra¹, teve em tão grande medida uma dinâmica própria que as correções de rota e as restrições a curto prazo foram sendo mais ou menos excluídas, sobretudo numa altura, ao cabo de três anos de construção intensiva de fábricas e unidades de produção de materiais, em que o empreendimento tinha atingido o seu ponto de desenvolvimento mais alto, isto é, o máximo da sua capacidade destrutiva. Uma vez fabricado o material, deixar simplesmente as máquinas e a sua valiosa carga pousadas sem uso nos aeródromos do Oeste da Inglaterra ia contra o sã instinto económico. Além disso, a decisão de prosseguir com a ofensiva foi provavelmente motivada pelo inestimável valor da propaganda, tão útil para elevar o moral britânico, dos relatos diários de destruição sistemática nos jornais ingleses num momento em que estavam cortados todos os outros contactos com o inimigo no continente europeu. Com base nestes motivos, nunca se pôs a questão de exonerar do seu cargo Sir Arthur Harris (comandante-em-chefe do Bomber Command), que continuou a defender intransigentemente a sua estratégia quando tudo indicava que já tinha deixado de funcionar. Alguns comentadores afirmam também «*that "Bomber" Harris had managed to secure a peculiar hold over the otherwise domineering, intrusive Churchill*» [que o «Bombardeiro» Harris conseguiu,

¹ Max Hastings, p. 349.

² Cf. Gerard J. De Groot, «Why did they do it?», em *Times Higher Education Supplement*, 16, X, 1992, p. 18.

curiosamente, ter mão sobre o dominador e metediço Churchill], pois, apesar de por várias vezes ter exprimido os seus escrúpulos quanto ao horrível bombardeamento de cidades indefesas, o primeiro-ministro tranquilizava-se, obviamente sob a influência dos contra-argumentos que Harris lhe avançava, com a ideia de que se tratava de, como ele dizia, aplicar uma justiça poética mais alta, «*that those who have loosed these horrors upon mankind will now in their homes and persons feel the shattering strokes of just retribution*¹» [para que aqueles que soltaram tais horrores sobre a Humanidade sintam agora em suas casas e na sua pessoa os golpes dilacerantes da justa paga]. Na verdade, muita coisa leva a crer que, com Harris à cabeça, o Bomber Command tinha o homem que, segundo Solly Zuckerman, acreditava na destruição pela destruição², estando portanto em perfeita sintonia com o princípio intrínseco das guerras, que é alcançar a completa aniquilação do inimigo juntamente com as suas habitações, a sua História e o seu ambiente natural. Elias Canetti relacionou o fascínio do poder na sua expressão mais pura com o número crescente das suas vítimas acumuladas. Neste mesmo sentido, foi precisamente pelo seu interesse ilimitado na destruição que a posição de Sir Arthur Harris se mostrou inatacável. O seu plano para sucessivos ataques devastadores, levado sem compromisso até ao fim, era de uma lógica esmagadoramente simples: em comparação, as reais alternativas estratégicas, como, por exemplo, a interrupção do abastecimento de combustível, deviam parecer meras manobras

¹ Cit. segundo De Groot, *op. cit.*

² *From Apes to Warlords*, Londres, 1978, p. 352.

de diversão. A guerra dos bombardeamentos foi guerra sob forma pura, evidente. Desenvolvê-la contra a razão permite pensar que as vítimas da guerra, como escreve Elaine Scarry no seu livro invulgarmente perspicaz *The Body in Pain*¹, não são vítimas abatidas como via para determinado fim, são, no verdadeiro sentido dos termos, essa via e esse fim.

A maior parte das várias fontes disponíveis sobre a destruição das cidades alemãs, muito dispersas e regra geral fragmentárias, destacam-se por serem estranhamente cegas à experiência devido a uma perspectiva de uma estreiteza extrema, unilateral ou excêntrica. Por exemplo, a primeira reportagem em direto de um ataque a Berlim, que o Home Service da BBC difundiu, é uma desilusão para quem dela espera uma visão do acontecimento a partir de um ponto de mira distanciado. Como, apesar do perigo constantemente presente, quase nada digno de ser noticiado se passava nessas excursões noturnas, o repórter (Wilfred Vaughn Thomas) teve de se haver com um mínimo de conteúdos reais. Somente a emoção de vez em quando presente na sua voz permite afastar uma impressão de tédio. Ouvimos os pesados bombardeiros *Lancaster* descolando ao escurecer e logo a seguir sobrevoando o mar do Norte, a espuma branca junto à linha de costa. «*Now, right before us*», comenta Vaughn Thomas com uma tremura audível na voz, «*lies darkness and Germany*» [Agora, mesmo à nossa frente, a escuridão e a Alemanha]. Na gravação, em que a duração do voo foi obviamente muito encurtada, a tripulação é apresentada aos

¹ Oxford, 1985, p. 74.

ouvintes durante a viagem até às primeiras baterias de luzes da Linha Kammhuber: Scottie, o engenheiro de voo, que antes da guerra era projecionista em Glasgow; Sparky, o artilheiro; Conolly, «*the navigator, an Aussie from Brisbane*» [o navegador, um australiano de Brisbane]; «*the mid-upper gunner who was in advertising before the war and the rear gunner, a Sussex farmer*» [o artilheiro da meia-cauda, que trabalhava em publicidade antes da guerra, e o artilheiro da cauda, um lavrador do Sussex]. O comandante permanece no anonimato. «*We are now well out over the sea and looking out all the time towards the enemy coast*» [Agora já estamos a sobrevoar o mar alto, sempre a olhar para a costa inimiga]. Trocam-se diversas observações e instruções técnicas. De vez em quando ouve-se também o zumbido dos potentes motores. À aproximação da cidade, os acontecimentos precipitam-se. Cones de luzes dos projetores, entremeados pelas salvas luminosas das anti-aéreas, estendem-se até aos aparelhos, um caça é abatido. Vaughn Thomas procura transmitir adequadamente o clímax dramático, fala de uma «*wall of search lights, in hundreds, in cones and clusters. It's a wall of light with very few breaks and behind that wall is a pool of fiercer light, glowing red and green and blue, and over that pool myriads of flares hanging in the sky. That's the city itself!... It's going to be quite soundless*», continua Vaughn Thomas, «*the roar of our aircraft is drowning everything else. We are running straight into the most gigantic display of soundless fireworks in the world and here we go to drop our bombs on Berlin*» [muralha de holofotes de busca, às centenas, em cones e em bateria. É uma muralha de luz com muito poucas brechas e por trás dessa muralha há um charco de luz mais forte, vermelha, verde e azul, e sobre esse charco miríades de faróis suspensos no céu. É a própria cidade!... Tudo se vai



passar muito em silêncio, o rugido do nosso avião abafa tudo o resto. Seguimos a direito para a mais gigantesca demonstração mundial de fogo de artifício sem som e cá vamos nós largar as nossas bombas sobre Berlim]. Mas a seguir a este prelúdio não vem realmente mais nada. Tudo acontece demasiado depressa. O aparelho está já a sair da zona-alvo. A tensão dos tripulantes dilui-se numa súbita loquacidade. «*Not to much nattering*» [Pouca conversa], adverte o comandante. «*By God, that looks like a bloody good show*» [Meu Deus, isto é um espetáculo e tanto], diz ainda um outro. «*Best I've ever seen*» [Do melhor que já vi], outro. E depois, passado algum tempo, um terceiro, em tom mais baixo, quase com uma espécie de temor: «*Look at that fire! Oh boy!*» [Olhem-me este fogo! Ena!]¹. Houve muitos

¹ «Raid on Berlin» (4-9-1943), gravação áudio, Imperial War Museum, Londres.

desse grandes incêndios nessa época. Ouvi uma vez um antigo artilheiro aeronáutico contar que do seu lugar junto à escotilha da cauda ainda se via Colónia a arder quando já sobrevoavam a costa holandesa, uma mancha de fogo na noite como a cauda de um cometa imóvel. De certeza que de Erlangen ou Forchheim era possível ver Nuremberga em chamas e dos montes sobranceiros a Heidelberg o clarão sobre Mannheim e Ludwigshafen. O príncipe do Hesse esteve na noite de 11 de setembro de 1944 no extremo do seu parque a olhar para Darmstadt ao longe: «O clarão foi-se tornando cada vez maior, até abrasar todo o céu a sul, atravessado por relâmpagos vermelhos e amarelos.¹» Um prisioneiro no pequeno forte de Theresienstadt lembra-se claramente de ver, da janela da sua cela, o clarão com reflexos vermelhos de Dresden a arder, a uma distância de 70 quilómetros, e de ouvir o impacto surdo das bombas como se estivessem a atirar para uma cela próxima sacos com vários quintais de peso². Friedrich Reck, que os fascistas mandaram para Dachau pouco antes da guerra por ter dito coisas subversivas e lá morreu de tifo, anotou, num diário cujo valor como testemunho contemporâneo nunca é demais exaltar, que durante o ataque aéreo a Munique, em julho de 1944, o chão tremeu e as ondas de pressão fizeram saltar as janelas até Chiemgau³. Sendo estes sinais categóricos da catástrofe que assolou todo o país, nem sempre é simples, porém, averiguar a natureza e alcance da destruição. A necessidade de saber contrapunha-se à tendência para não ligar aos sentidos. Por um lado, circulava desinformação em catadupas, por outro, as histórias

¹ Klaus Schmidt, *Die Brandnacht*, Darmstadt, 1964, p. 61.

² Cf. Nikolaus Martin, *Prager Winter*, Munique, 1991, p. 234.

³ *Tagebuch eines Verzweifelten*, Frankfurt, 1994, p. 220.

verdadeiras excediam a capacidade de entendimento de cada um. Diz-se que houve 200 mil mortos em Hamburgo. Reck escreve que não pode acreditar em tudo o que ouve, pois disseram-lhe muitas coisas sobre «o estado de espírito gravemente perturbado destes foragidos de Hamburgo [...], a sua amnésia e a maneira como vagabundeavam vestidos só com o pijama, tal como estavam quando fugiram das suas casas a desabar¹». Nosack descreve o mesmo. «Nos primeiros dias não se conseguiam informações seguras. O que se contava não entrava em pormenores.²» Nitidamente, com o choque do que tinham vivido, a faculdade de recordar estava em parte suspensa ou funcionava como compensação, segundo um esquema arbitrário. Os que tinham escapado à catástrofe não eram de confiança, testemunhas atacadas de cegueira parcial. O texto que Alexander Kluge escreveu, na verdade só em 1970, «O ataque aéreo a Halberstadt de 8 de abril de 1945», e que coloca finalmente a questão dos efeitos do chamado *moral bombing*, cita um psicólogo militar americano que depois da guerra esteve em Halberstadt com sobreviventes e colheu a impressão de que «a população, embora visivelmente mostrasse um desejo inato de contar, perdera a capacidade psíquica de recordar, em especial dentro do perímetro das ruínas da cidade³». Ainda que esta conclusão, subscrita por uma pessoa pretensamente real, possa ser um dos artifícios de pseudodocumentalista a que Kluge costumava entregar-se, tem a sua razão de ser ao identificar a síndrome, atendendo a que os relatos dos que vieram de lá com nada mais que a vida são em geral

¹ *Ibid.*, p. 216.

² *Op. cit.*, p. 213.

³ Em *Neue Geschichten*, Cadernos 1-18, «*Unheimlichkeit der Zeit*», Frankfurt, 1977, p. 106.

descontínuos, mostram um estranho tom errático, em tudo tão diferente do registo normal da memória que facilmente sugerem invenção e divagações. Mas esta espécie de inveracidade dos relatos das testemunhas oculares provém igualmente dos meandros estereotipados de que muitas vezes se servem. A realidade da destruição total, incompreensível na sua extrema contingência, dilui-se em fórmulas enredadas, como «presa das chamas», «noite fatal», «consumiu-se nas labaredas», «o inferno à solta», «vimos o inferno à nossa frente», «o terrível destino das cidades alemãs» e outras semelhantes. A sua função é encobrir e neutralizar vivências que escapam ao entendimento. A frase «Naquele dia terrível em que a nossa bela cidade foi arrasada» que o investigador da catástrofe de Kluge encontrou em Frankfurt e Fürth, em Wupperthal e Würzburg, tal como em Halberstadt¹, na realidade não passa de um gesto de defesa contra a memória. Mesmo a entrada do diário de Victor Klemperer sobre a queda de Dresden fica dentro dos limites das convenções verbais². Pelo que hoje sabemos da derrocada desta cidade, parece improvável que quem tenha estado no Terrasse Brühl no meio das faúlhas e tenha visto o panorama da cidade a arder pudesse sair de lá com o juízo intacto. A capacidade aparentemente ilesa de a linguagem normal continuar a funcionar presente na maioria dos relatos de testemunhas oculares levanta dúvidas quanto à autenticidade das vivências que recordam. A morte pelo fogo, no espaço de poucas horas, de uma cidade inteira com os seus edifícios e árvores, os seus habitantes, animais domésticos, equipamentos e instituições de toda

¹ *Ibid.*, p. 104.

² Cf. *Ich will Zeugnis ablegen bis zum letzten – Tagebücher 1942–1945*, Berlim, 1995, pp. 661ss.

a ordem há de inevitavelmente ter sobrecarregado, tolhido as capacidades de pensar e de sentir naqueles que conseguiram escapar. Portanto, os relatos das testemunhas oculares têm apenas um valor limitado, precisam de ser completados com o que um olhar sinóptico, artificial, pode revelar.

No pino do verão de 1943, durante uma persistente vaga de calor, a Royal Air Force, apoiada pela 8.^a Esquadrilha americana, desencadeou uma série de ataques a Hamburgo. O objetivo desta ação conhecida como «Operação Gomorra» foi arrasas e reduzir a cinzas o mais possível a cidade. No ataque da madrugada de 27 de julho, iniciado à uma hora da manhã, foram lançadas 10 mil toneladas de bombas explosivas e incendiárias sobre a zona residencial densamente povoada a leste do Elba que incluía os bairros de Hammerbrook, Hamm Norte e Sul, Billwerder Ausschlag, bem como partes de St. Georg, Eilbeck, Barmbek e Wandsbek. Seguiu-se o processo já conhecido, todas as portas e janelas foram arrancadas dos caixilhos mediante bombas explosivas de quatro mil libras, a seguir ateados os últimos andares dos prédios com misturas ígneas leves ao mesmo tempo que as bombas incendiárias com 15 quilos de peso atingiam os andares inferiores. Dentro de poucos minutos tudo ardia nos cerca de 20 quilómetros quadrados da área-alvo em incêndios gigantescos, tão rapidamente ateados que um quarto de hora depois da queda das primeiras bombas toda a atmosfera era um mar de chamas até onde a vista alcançava. E passados mais cinco minutos, cerca da uma hora e vinte, elevou-se uma tempestade de fogo de uma intensidade que até então se julgaria impossível. O fogo, que se erguia a dois mil

metros no ar, sugava o oxigénio com tal força que as correntes de ar atingiram a violência de um furacão e ressoavam como poderosos órgãos com todos os tubos abertos ao mesmo tempo. Tudo ardeu assim durante três horas. No seu auge, a tempestade levantou coberturas e telhados de casas, atirou ao ar vigas e tabuletas inteiras, arrancou árvores do solo e levou pessoas à sua frente como tochas vivas. Por trás das fachadas em derrocada as labaredas disparavam com a altura de casas, rolavam como um vagalhão pelas ruas com uma velocidade de 150 quilómetros por hora, giravam nas praças abertas com o ritmo estranho de uma valsa de fogo. Em alguns canais a água ardia. Os vidros das janelas dos elétricos derreteram, o açúcar armazenado ferveu nas caves das padarias. Os que tinham fugido dos seus abrigos afundaram-se, grotescamente contorcidos, nas bolhas espessas formadas pelo asfalto derretido. Não se sabe realmente quantos perderam a vida nessa noite nem quantos enlouqueceram antes de a morte os levar. Quando rompeu o dia, a luz estival não foi capaz de penetrar no negrume de chumbo que pairava sobre a cidade. O fumo elevava-se a uma altura de oito mil metros e alastrava como uma grande nuvem cúmulo-nimbo em forma de bigorna. Um calor trémulo, que os pilotos dos bombardeiros contaram ter sentido trespassar os flancos dos seus aviões, continuava a elevar-se dos montes de pedras fumegantes e reluzentes. Bairros residenciais, uma rede de ruas de uns 200 quilómetros de extensão, ficaram totalmente destruídos. Por toda a parte havia cadáveres horripelantemente desfigurados. Em muitos deles luziam ainda chamas de fósforo azuladas, outros estavam queimados com uma cor castanha ou roxa e reduzidos a um terço do seu tamanho normal. Jaziam dobrados em poças da sua própria gordura derretida,



por vezes já em parte solidificada. Nos dias que se seguiram, o interior da zona de morte foi interditado e quando as brigadas de condenados e de internados nos campos puderam iniciar a limpeza, em agosto, após o arrefecimento dos escombros, foram encontrar pessoas ainda sentadas à mesa ou encostadas às paredes, vencidas pelo gás monóxido, e noutros sítios carne e ossos aos pedaços ou montes de corpos cozidos na água a ferver que jorrara de caldeiras rebentadas. Outros ainda tinham sido a tal ponto calcinados e reduzidos a cinzas, num braseiro de mil graus ou mais, que foi possível retirar os restos mortais de famílias com vários membros em cestos da roupa.

O êxodo dos sobreviventes de Hamburgo iniciara-se ainda na própria noite do ataque. Começou, escreve Nossack, «uma viagem incessante em todas as ruas das imediações [...] sem que se soubesse para onde¹». Os fugitivos, cujo número ascendia a um milhão e um quarto, dispersaram-se até aos confins

¹ *Op. cit.*, p. 211.

mais extremos do Reich. Com a data de 20 de agosto de 1943, na passagem já antes citada, Friedrich Reck descreve um grupo de quarenta a cinquenta desses fugitivos que procuram tomar de assalto um comboio numa estação da Alta Baviera. Enquanto isso, cai uma mala de cartão «na plataforma, rasga-se e mostra o seu conteúdo. Brinquedos, um estojo de unhas, roupa interior chamuscada. E por último o cadáver queimado de uma criança, reduzido como uma múmia, que a mãe semienlouquecida trazia consigo, restos de um passado ainda intacto há alguns dias¹». É impensável que Reck tenha inventado esta cena terrível. Por toda a Alemanha, de uma maneira ou de outra, as notícias de horror dos acontecimentos de Hamburgo devem ter sido difundidas por fugitivos num estado entre o desejo histórico de sobreviver e a mais pesada apatia. O diário de Reck é no mínimo um testemunho de que, apesar do bloqueio noticioso impeditivo de informações pormenorizadas, não era impossível conhecer a maneira terrível como as cidades alemãs estavam a ser destruídas. Um ano mais tarde Reck descreve também dezenas de milhares de pessoas acampadas nos terrenos da Praça Maximiliano após o último grande ataque a Munique. E escreve ainda: «Na estrada principal próxima [circula] uma torrente interminável de fugitivos, velhas viúvas alquebradas que carregam às costas, enfiadas num pau comprido, trouxas com os seus últimos haveres. Pobres desalojados com as roupas queimadas, com olhos onde ainda permanece o pasmo do turbilhão de fogo, das explosões que tudo despedaçam, dos sepultados ou dos ignominiosamente asfixiados numa cave.²» O que estes relatos

¹ *Op. cit.*, p. 216.

² *Op. cit.*, p. 221.

têm de notável é a sua raridade. De facto, parece que nenhum escritor alemão, com Nossack como única exceção, se mostrou disposto ou capaz de passar ao papel algo de concreto sobre o decurso e os efeitos da gigantesca e prolongada campanha de destruição. E continuou a ser assim depois de terminada a guerra. O reflexo quase natural suscitado pelos sentimentos de vergonha e pelo desejo de desafiar os vencedores era calar e virar costas. Stig Dagerman, que no outono de 1946 foi correspondente na Alemanha para o jornal sueco *Expressen*, escreve de Hamburgo que levou, num comboio circulando à velocidade normal, um quarto de hora a atravessar a paisagem lunar entre Hasselbrook e Landwehr, e em toda aquela desolação, talvez o mais horrendo campo de ruínas de toda a Europa, não vira uma única criatura humana. O comboio, escreve Dagerman, ia cheio, como todos os comboios na Alemanha, mas ninguém olhava pelas janelas. Ele foi identificado como estrangeiro *porque* olhou pelas janelas¹. Janet Flanner, que escrevia para a *New Yorker*, fez idênticas observações em Colónia, que, lê-se numa das suas reportagens, «jaz em escombros e na solidão da total destruição física [...] sem formas [...] junto às margens do seu rio. O que lhe resta de vida», lê-se ainda, «desloca-se penosamente ao longo das ruas e travessas cheias de entulho: uma população diminuída, vestida de negro – muda como a cidade»². Este mutismo, esta postura reservada e alheada constitui o motivo por que sabemos tão pouco do que os alemães pensaram e viram na meia década entre 1942 e 1947. As ruínas em que viviam eram a *terra incognita* da guerra. Solly Zuckerman

¹ Cit. segundo Enzensberger, *op. cit.*, pp. 203-204.

² *Ibid.*, p. 79.

previu esta deficiência. Como todos os que estiveram diretamente envolvidos nas discussões sobre a mais eficiente estratégia de ataque e que por isso tinham um certo interesse profissional nos efeitos do *area bombing*, foi ver a cidade arrasada de Colónia na primeira ocasião possível. Quando regressou a Londres ainda ia esmagado pelo que tinha visto e combinou com Cyril Connolly, que era então o editor do jornal *Horizon*, escrever um relato a que chamou «Sobre a história natural da destruição». Na sua autobiografia escrita décadas mais tarde, Lorde Zuckerman refere que este projeto se gorou. «*My first view of Cologne*», diz ele, «*cried out for a more eloquent piece than I could ever have written*»¹ [A minha primeira visão de Colónia requer uma peça mais eloquente do que eu poderia escrever]. Quando, nos anos 80, o interroguei sobre este assunto, Lorde Zuckerman já não se lembrava dos pormenores do que pretendia escrever então, só lhe restava a imagem da catedral enegrecida erguendo-se num deserto de pedra e de um dedo cortado que encontrara em cima de um monte de escombros.

¹ Zuckerman, *op. cit.*, p. 322.